

A representação dos tubarões no cinema e seu impacto para a conservação desses animais¹

Eveline Baptistella²

Mariana Guenther³

Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, MT

Universidade de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

O filme *Tubarão* de Steven Spielberg marcou o imaginário popular ao retratar o tubarão branco como um “monstro”, gerando um impacto negativo duradouro na percepção pública sobre esses animais. Este estudo compara este filme com outras três obras audiovisuais, uma ficção (*Sob as Águas do Sena*) e dois documentários (*Shark Rebellion* e *Brincando com os Tubarões*). As obras mais recentes tentam resgatar a imagem dos tubarões, mas ainda os retratam com base em signos de ameaça. Mesmo nos documentários, há um risco de representá-los como animais de estimação, ou *pets*, o que pode gerar interações perigosas. A representação fílmica ainda não rompe com a ideia de submissão animal e contribui para classificar os tubarões como “vilões”, reforçando o medo e a violência contra eles. É urgente, portanto, criar narrativas focadas no respeito e na importância desses animais para o equilíbrio ambiental.

Palavra-chave: cinema; comunicação; cultura; meio ambiente; ética

Introdução

No quarto final do filme *Tubarão* (Spielberg, 1975), o tubarão branco (*Carcharodon carcharias*) finalmente emerge das águas, atraído por iscas jogadas por seus caçadores. Ainda dominado pelo medo e o impacto causados pela proximidade do grande predador, o personagem de Roy Schneider fala ao comandante do barco: “você vai precisar de um barco maior”. A frase será repetida ainda algumas vezes, sempre destacando a insignificância da embarcação – e da tripulação – diante do gigante que circunda o barco sem nenhum temor dos humanos. Cinquenta anos depois de seu lançamento, a obra continua marcando o imaginário popular.

A cultura é uma instância que recebe diferentes definições dependendo do autor, da época e do local. Essa própria variação de conceitos é um indício de que se trata de um

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso, pós doutoranda no Programa de Pós-graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental da Universidade de Pernambuco. E-mail: evelineteixeira@unemat.br

³ Professora Associada e Livre Docente da Universidade de Pernambuco, docente permanente do Programa de Pós-graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental da Universidade de Pernambuco. E-mail: mariana.guenther@upe.br.

domínio vivo e dinâmico, que se transforma conforme o tempo - no sentido em que o conhecemos hoje - avança. Uma definição extremamente simplificada é dada por Puchner (2023):

A terra é povoada por grupos de seres humanos, e esses grupos se mantêm unidos por práticas compartilhadas. Cada uma dessas culturas, com suas artes e seus costumes específicos, pertence ao povo que nasce dentro dela, e é preciso defendê-la de interferências externas (Puchner, 2023, p.5)

Laraia (2009) lembra que a definição de cultura já foi permeada por debates que incluíram suposições como o determinismo geográfico e o determinismo biológico, que serviu para justificar, inclusive, genocídios. A cultura também já foi apresentada como um conjunto de práticas e produtos exclusivos dos humanos (Laraia, 2009). Tese esta que também vem sendo progressivamente afastada conforme crescem os conhecimentos acerca da cognição dos animais não humanos (Lestel, 2009; Colby, 2018).

Aqui, vamos adotar a visão de que somos híbridos de natureza e cultura (Latour, 2004) e que a cultura é também uma construção híbrida e dinâmica, que se atualiza por meio de contatos e trocas (violentos ou não) entre diferentes semiosferas (Lotman, 2011; Puchner, 2023). Neste sentido, os filmes formam um substrato de pesquisa importante visto que sua circulação atualiza textos culturais ao redor do mundo, efeito que se potencializa ainda mais quando consideramos a difusão do *streaming*, que viabiliza o acesso não apenas a uma variedade de obras recentes, mas também a produtos antigos, como é o caso do filme “Tubarão”.

A marca de “Tubarão” é tão forte que tanto Steven Spielberg, diretor do filme, quanto Peter Benchley, autor do livro que deu origem à película (Benchley, 1974), já declararam, em diversos momentos, seu arrependimento com a forma como representaram estes animais (Campos, 2023). Spielberg declarou que a representação do animal como uma besta maquinal e faminta foi um erro, que perpetuou o medo irracional entre humanos (Laverne, 2022). Benchley, por sua vez, passou o resto da vida trabalhando em campanhas em prol dos tubarões.

A representação cinematográfica, contudo, não encontra ressonância nos números. Abel e Grubs (2020) apontam que é estatisticamente mais provável um humano morrer atingido por um raio do que por ação – provocada ou não - de um tubarão. Contudo, estima-se que um terço dos tubarões e raias do planeta estejam a caminho da extinção (Kolbert, 2015) e que 100 milhões de tubarões sejam mortos por humanos todos

os anos (McKeever, 2019). A maioria é morta pela pesca, mas, nessa conta, não podem ser excluídos, é claro, as centenas de milhares de tubarões exterminados ao longo de décadas por humanos assustados demais ou dessensibilizados demais para pensarem naqueles peixes como seres dignos de vida. Somam-se a estas mortes, incontáveis outras provocadas por ações antrópicas indiretas - mas também decorrentes da falta de consideração moral pelos tubarões – como a construção de portos, construção de hotéis e vazamentos de substâncias tóxicas (Silva e Neto, 2024).

Segundo Arluke et al. (2022), seria uma tendência das sociedades ocidentais hierarquizar os animais não humanos e atribuir aos mesmos papéis construídos socialmente, baseados em nossos julgamentos morais. Teríamos animais “bons” e “maus”. Os bons animais são aqueles tão domesticados e mansos que se submetem totalmente aos desígnios humanos. Estão divididos entre “animais de estimação”, cuja relação de subordinação conosco se baseia no afeto, e “ferramentas”, que são aqueles explorados comercialmente e objetificados, tendo sua natureza animal reconstruída de forma a serem considerados apenas como comida ou dados científicos (Arluke et al., 2022).

O lugar dos bons animais, sejam eles humanos ou não humanos, é claro na ordem social. Eles participam como uma espécie de “cidadãos decentes” por serem confiáveis, previsíveis e obedientes aos papéis que lhes foram atribuídos (Arluke et al., 2022, p. 229)⁴.

Em outra ponta estão os maus animais, que escapam do nosso controle e não se adaptam ao desejo humano de submissão absoluta. Eles constituem uma contestação à nossa autoridade.

Eles podem ser aberrações que cujo lugar é confuso, pestes que não se confinam no seu lugar, ou demônios que rejeitam seu lugar. Eles são esquisitices que causam repulsa, visitantes não desejados que provocam medo ou agressores perigosos que despertam horror. Por sua vez, a sociedade pode ignorar, marginalizar, segregar ou destruí-los. (Arluke et al., 2022, p. 229)⁵.

Aberrações tem uma posição social ambígua, mas não há urgência em destruí-los (Costa, 2013). É o caso de sapos, por exemplo, que provocam nojo, mas não se

⁴ The place of good animals, whether human or nonhuman, is clear in the social order. They participate as “decent citizens” of a sort by being trustworthy, predictable, and obedient in their given roles [Tradução nossa].

⁵ They may be freaks that confuse their place, vermin that stray from their place, or demons that reject their place. They are oddities that cause repulsion, unwelcome visitors that provoke fear, or dangerous attackers that rouse horror. In turn, society may ignore, marginalize, segregate, or destroy them [Tradução nossa].

considera necessário matá-los. As pestes viriam um degrau abaixo pois são considerados animais sujos e que atravessam fronteiras humanas (Costa, 2013). São considerados vetores de doenças e sua morte é justificada socialmente. Nesse critério podemos encaixar ratos comuns, mosquitos, pombos urbanos, baratas, entre outros animais cuja presença a maioria gostaria de eliminar de suas vidas, mas sequer consegue controlar de forma efetiva. No patamar mais baixo, viriam os “demônios”:

Abaixo dos vermes na escala sociozoológica viriam os piores animais – comumente retratados na cultura popular como demônios, predadores ou comedores de homens – que contestam a própria ordem social estabelecida. Vermes podem ser recusar a ficar no seu lugar inferior, mas os demônios representam um desafio mais sério e “maléfico” à maneira como as coisas “devem ser” por tentarem reverter o fundamento de relacionamento mestre-servo presente na ordem filogenética tradicional (Arluke et al., 2022, p. 233) ⁶.

Animais que têm condições físicas de fazer isso encontram seu lugar na categoria de “demônios”. A escala é partilhada durante o processo de socialização, mas também é flexível, a ponto de um animal poder transitar em diferentes categorias (Costa, 2013).

A representação midiática contribui para o estabelecimento dos animais não humanos numa ou noutra categoria (Baptistella, 2020), especialmente uma vez que a exposição à mídia e o acesso livre a produtos culturais acontecem cada vez mais cedo (Haidt, 2024). É este posicionamento determinado culturalmente, conforme advogam Almiron et al. (2020) e Baptistella (2024), que vai definir quais vidas animais são ou não respeitadas na contemporaneidade.

Este trabalho busca, portanto, analisar a representação dos tubarões em três filmes contemporâneos fazendo um comparativo com o filme “Tubarão” de 1975 a fim de entender como esses animais têm sido apresentados nas produções cinematográficas ao longo dos anos, e como essa representação pode influenciar as relações e os comportamentos humanos voltados à sua conservação ou extinção.

Trazemos aqui resultados preliminares de uma pesquisa de pós-doutorado que visa investigar a representação dos tubarões no cinema a partir da análise comparativa de dois filmes de ficção - “Tubarão” (Spielberg, 1975) e “Sob as águas do Sena” (Gens,

⁶ Below vermin on the sociozoologic scale are the worst animals-commonly portrayed in popular culture as fiends, predators, or man-eaters-that contest the established social order itself. Vermin may refuse to stay in their lowly place, but demons mount a more serious and "evil" challenge to the way things "ought to be" by trying to reverse the fundamental master-servant relationship present in the traditional phylogenetic order [Tradução nossa].

2024) e dois documentários - “Shark rebellion” (Wabba, 2006) e “Brincando com os tubarões” (Aitken, 2021).

Metodologia

Tendo como base a metodologia de análise de conteúdo (Herscovitz, 2010; Bardin, 2016) fizemos uma análise qualitativa buscando trazer recorrências temáticas que permitissem refletir acerca da cultura e dos comportamentos adotados pela sociedade em relação a esses peixes cartilaginosos num determinado recorte histórico. A amostra foi composta de forma não aleatória (Herscovitz, 2010) e foram aplicadas as regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência (Bardin, 2016) para chegar aos quatro filmes. Após a codificação (Bardin, 2016), focamos no recorte a partir das recorrências temáticas.

A partir daí, os dados foram analisados à luz de um referencial teórico interdisciplinar, com contribuições da linha dos estudos animais (DeMello, 2022; Waldau, 2013), da sociologia (Arluke et al., 2022) e dos estudos animais em mídia (Baptistella, 2020; Almiron et al., 2022).

Resultados e Discussão

O filme “Tubarão” traz o animal como um ser maquinal, furioso e irracional, sedento por sangue – elemento que aparece em profusão nas cenas. “Sob as águas do Sena” segue o mesmo registro, de um animal gigantesco, permeado por uma fúria irracional. Contudo há uma mudança notável de registro. Não há uma explicação clara para o comportamento do animal no filme de 1975. Mas na obra de 2024, temos uma fêmea igualmente morta e furiosa, mas que tem como objetivo claro sobreviver aos efeitos antrópicos que prejudicaram seu modo de vida e proteger uma descendência exclusivamente sua, já que se reproduz por partenogênese. Ainda assim, a representação dela é majoritariamente negativa, a começar pelo nome que recebe: Lilith, a mulher mítica que, na cultura cabalística, desposou Adão antes de Eva e, posteriormente, foi forçada a viver no fundo do mar, para não perturbar os homens (Chevalier; Gheerbrant, 2023). Essa fêmea, inclusive, sobrevive aos ataques humanos e o filme termina com sua prole tomando conta de uma Paris inundada.

Já os dois documentários trazem a proposta de resgatar a imagem pública dos tubarões. “Shark Rebellion” se propõe a entender a motivação dos ataques ocorridos nas

praias de Recife e traça um comparativo com tubarões das mesmas espécies que vivem em locais menos afetados pela ação humana. O diretor do filme chega a mergulhar com tubarões, como forma de mostrar que não são ferozes, mas ainda assim o discurso pontua, várias vezes a morfologia dos animais e seu potencial letal. Apesar de fechar sua tese mostrando que os animais sofrem perturbações ambientais em Recife, a narrativa é permeada por entrevistas com humanos mutilados nos acidentes.

“Brincando com os tubarões”, por sua vez, é um acerto de contas da mergulhadora Valerie Taylor com seu passado. Ela foi pioneira como cinegrafista subaquática e atuou como consultora do filme “Tubarão”. Assim como outros integrantes da equipe, tornou-se conservacionista e dedicou o resto da vida a proteger os tubarões. Na película, a ferocidade do animal é questionada, assim com os danos causados pelo filme de Spielberg. Há, na obra, um esforço por estabelecer os tubarões como indivíduos e seu direito à vida. Contudo, eles aparecem – assim como na obra de Wabba – em extrema proximidade aos humanos, num registro muito próximo daquele feito quando se trata de animais de estimação. Inclusive com oferta de comida e carinho.

A recorrência temática da violência e ferocidade esteve presente nos quatro filmes analisados, enquanto a questão da interferência humana surgiu somente nos exemplares do século XXI. A análise das quatro obras deixa patente que a morfologia dos tubarões é uma característica de destaque. Os dentes, as barbatanas dorsais e o tamanho, contudo, são mais amplamente explorados, evocando a herança de “Tubarão”, uma obra que retratava animal dois metros maior que o maior tubarão branco já registrado. Tais elementos surgem como signos de agressividade ou de risco potencial, representando estes animais como perigosos mesmo em narrativas que buscam arguir sobre as pressões e impactos que sofrem. Direta ou indiretamente, os acidentes são trazidos à tona, sejam como forma de embate entre as forças humanas e as ditas “naturais”, seja como decorrência de um ambiente desequilibrado, no qual homens e tubarões vivem o duplo papel de vítima e algoz. É digno de nota que as representações de convivência harmônica entre espécies mostram os animais como receptivos e tolerantes à proximidade dos humanos.

Levando em conta que o estado de Pernambuco registra o maior número de mortes por incidentes envolvendo humanos e tubarões no mundo, com 26 casos (Pernambuco, 2025), é urgente pensar em como a cultura vai evoluir nos próximos anos, considerando que os textos culturais se atualizam a partir de trocas entre diferentes grupos sociais

(Lotman, 2011) e que as formas narrativas influenciam fortemente as práticas e hábitos humanos, pois estão nas origens da cultura (Bystrina, 2009). Será possível desenvolver uma coexistência baseada no respeito ou o futuro dos tubarões insurgentes será o extermínio?

O ideal moderno de excepcionalismo humano segundo Thomas (2010) surge nas narrativas ficcionais com o pressuposto de que as praias, os oceanos e os rios são propriedades dos homens. Os tubarões seriam invasores que geram distúrbios especialmente por não cederem ao imperativo humano de submissão total. A partir da escala sociozoológica, segundo Arluke et al. (2022), eles estão estabelecidos como maus animais – “demônios” insubordinados que destroem humanos sem uma justificativa plausível em sua fúria. Vale notar que “Sob as águas do Sena” a fêmea Lilith mata indiscriminadamente e devora até mesmo os ativistas que querem protegê-la.

Além de inaccuradas, as representações dos filmes de ficção geram desinformação e impulsionam o medo irracional, visto que “Sob as águas do Sena” gerou uma onda de questionamentos sobre se seria possível um tubarão adentrar a água doce e matar humanos. Assim, mesmo que as condições precárias de vida dos tubarões tenham sido expostas, eles permaneceram numa categoria socialmente negativa, o que impulsiona a matança dos animais e justifica sua exploração comercial praticada, muitas vezes, de forma cruel.

Os dois documentários problematizam a atribuição de comportamentos violentos aos tubarões, mas também se utilizam desse recurso de representação. A agressividade nem sempre é contextualizada em sua verdadeira matriz e há apropriação de elementos do clássico “spielberguiano”. Mais problemática, contudo, é a tentativa de estabelecer os tubarões como vítimas de uma construção cultural equivocada. Os filmes seguem na vertente da “petificação” (Baptistella, 2020) e colocam os animais como seres mansos e dóceis.

Essa é uma estratégia que pode evocar simpatia, mas carrega o grande risco de um “efeito rebote”: ao estimular tal tipo de relação, os filmes podem despertar o interesse humanos em tocar e se aproximar dos tubarões ao ponto de lhes causar estresse e resultar em novos incidentes – agora por excesso de simpatia e desrespeito ao espaço pessoal dos animais não humanos.

Outro problema é o estímulo ao turismo de observação de tubarões, que se baseia na oferta de ceva e na proximidade extrema, outros dois motores de encontros agonísticos.

Assim, mesmo que os filmes documentais busquem colocar os tubarões socialmente como bons animais, esta ainda é uma posição conectada à subordinação e que pode trazer mais prejuízos a eles no médio prazo.

Considerações finais

Os resultados iniciais desta pesquisa demonstram que a representação dos tubarões no cinema, seja em documentários ou filmes de ficção, segue ligada aos signos de agressão, ferocidade e insubmissão. Os tubarões são animais muito complexos, variados e ainda desconhecidos quando se trata de informações obtidas por meio da mídia em geral. Apesar de haver avanços na representação no século XXI, as narrativas seguem emulando padrões ultrapassados, especialmente quando levamos em conta a aproximação dos animais selvagens de núcleos urbanos em decorrência das mudanças climáticas e de outras ações antrópicas (Baptistella, 2024).

Assim, consideramos que as formas de representação fílmica dos tubarões precisam evoluir para a demonstração de características subjetivas e intelectuais, sem, contudo, resvalar na adequação ao enganoso papel de *pets*, um espaço que estes animais jamais poderão (nem deveriam) ocupar, visto que ser um animal de estimação também inclui renunciar completamente a sua própria natureza.

É premente que surjam filmes – ficcionais e documentais - sobre formas de coexistência na qual a individualidade e vida emocional dos tubarões sejam consideradas. Da mesma forma, exemplos ou histórias que apresentem esforços humanos para permitir a sobrevivência destes animais são necessários. Esta reconstrução ética deve passar, especialmente, por investimentos mais consistentes entre os realizadores para conhecerem melhor os animais que representam e as questões científicas e emocionais que circundam suas existências.

Referências

- ABEL, D.; GRUBBS, R. **Shark biology and conservation: essential information for enthusiasts, educators, and students**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2020.
- ALMIRON, N.; COLE, M.; FREEMAN, C. **Critical Animal and Media Studies: Communication for Nonhuman Animal Advocacy**. New York: Routledge, 2020.
- ARLUKE, A. et al. **Regarding Animals**. Philadelphia: Temple University Press, 2022.

BAPTISTELLA, E. **Animais não humanos e humanos no turismo do pantanal mato-grossense: da representação midiática ao encontro**. Orientadora: Juliana Abonizio. 2020. 456f. Tese (Doutorado em Estudos em Cultura Contemporânea) Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2020.

BAPTISTELLA, E. Animais silvestre urbanos: refugiados ambientais e uma nova ordem multiespécies. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 11, n. 30, p. 214 – 240, 2024

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENCHLEY, P. *Jaws*. Garden City, NY: Doubleday, 1974.

BRINCANDO COM OS TUBARÕES. Direção: Aitken, Sally. Produção: Bettina Dalton. Austrália: Disney+, Austrália/Estados Unidos, 2021. (95 min.)

BYSTRINA, I. Cultura como texto e texto como cultura. In: LOTMAN, I.; BYSTRINA, I.; USPENSKIJ, B (org.). **Semiótica da Cultura**. São Paulo: Annablume, 2009. p. 9-36.

CAMPOS, J. **Tubarão: 48 anos depois, Spielberg fala sobre seu arrependimento**. Omelete, 2023. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br>>.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2023.

COLBY, J. **Orca: how we came to know and love the ocean's greatest predator**. New York: Oxford University Press, 2018.

COSTA, S. Letting people speak: the importance of local's attitudes for effective conservation programmes. **Journal of Primatology**, v.2, n.2, 2013.

DeMELLO, M. **Animals and society: An introduction to human-animal studies**. 2. ed. New York: Columbia University Press, 2022.

HAIDT, J. **The Anxious Generation: How the Great Rewiring of Childhood Is Causing an Epidemic of Mental Illness**. New York: Penguin Press, 2024.

HERSCOVITZ, H. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (org.). **Metodologia da pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 123 - 142.

KOLBERT, E. **A sexta extinção: uma história não natural**. São Paulo: Intrínseca, 2015.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 25. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. 13. ed. São Paulo: Editora 34, 2004.

LAVERNE, J. Spielberg regrette le film “Les Dents de la Mer” et son impact sur les requins. *Le Monde*, 2022. Disponível em: <<https://www.lemonde.fr>>.

LESTEL, D. **As origens animais da cultura**. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

LOTMAN, I. **La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Cátedra, 2011.

McKEEVER, W. **Emperors of the deep**. Londres: Willian Collins, 2019.

PERNAMBUCO (Estado). Secretaria de Meio Ambiente, Sustentabilidade e Fernando de Noronha - Comitê Estadual de Monitoramento de Incidentes com Tubarões. **Estatísticas de incidentes com tubarões (1992 – Atualmente)**. 2025. Disponível em: <https://semas.pe.gov.br/wp-content/uploads/2023/04/Estatisticas-67-Cont-10-Noronha.pdf>

PUCHNER, M. **Cultura: uma história das civilizações do mundo**. São Paulo: Zahar, 2023.

SHARK REBELLION. Direção: Lawrence Wabba. Produção: Lawrence Wabba. São Paulo: Nat Geo, Brasil, 2006. (48 min.)

SOB AS ÁGUAS DO SENA. Direção: Xavier Gens. Produção: Bastien Sirodot. Paris: Netflix, França/Estados Unidos, 2024. (104 min.)

THOMAS, K. **Man and the natural world: Changing attitudes in England 1500–1800**. London: Penguin, 2010.

TUBARÃO. Direção: Steven Spielberg. Los Angeles: Universal Pictures, Estados Unidos, 1975. (124 min.)

WALDAU, P. **Animal studies: An Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2013.